

O DISCURSO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO CURRÍCULO DAS HQs DO CHICO BENTO

Daniela Amaral Silva Freitas¹
Marlucy Alves Paraíso²

RESUMO

Este trabalho traz resultados de uma investigação que analisou quais, e de que forma, sentidos sobre a escola e seus elementos (tempo-espço e currículo) são produzidos nas histórias em quadrinhos (HQs) do Chico Bento. A investigação foi realizada utilizando conceitos retirados dos Estudos Culturais, em sua perspectiva pós-estruturalista, e dos estudos de Michel Foucault. O argumento aqui desenvolvido é que o discurso da educação escolar veiculado nas HQs do Chico Bento divulga uma escola disciplinar, com tempos e espaços compartimentados e cheios de regras e com um currículo que ensina mais procedimentos considerados adequados do que conhecimentos relacionados às disciplinas escolares. Este artigo mostra que os sujeitos pedagógicos divulgados nas HQs do Chico Bento possuem muitas marcas já amplamente divulgadas e aceitas em nossa sociedade, mas que seus efeitos constitutivos não estão completamente garantidos. Isto se dá porque há, no discurso investigado, conflitos, brechas para seu questionamento e resistências ao que é ensinado pelo currículo das HQs do Chico Bento.

Palavras-chave: Currículo. Histórias em Quadrinhos. Educação Escolar. Discurso.

As histórias em quadrinhos (HQs) do Chico Bento ocupam os mais diversos espaços: bancas, livrarias, escolas, lares, bibliotecas públicas e escolares. Apesar de serem endereçadas às crianças, seduzem também o público jovem e adulto e são lidas por milhares de leitores/as. Os quadrinhos são frequentemente associados ao divertimento e, por isso, muitas vezes são vistos como uma prática de

1 Professora da Faculdade de Educação da UEMG, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: danielaasfreitas@gmail.com

2 Professora da FaE/UFMG, pós-doutorado (PHD) em Educação pela Facultad de Filosofia y Ciencias de la Educación de la Universidad de Valencia Espanha. É pesquisadora do CNPq e Fundadora e Coordenadora do GECC: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Currículos e Culturas da FAE/UFMG. E-mail: marlucy.paraíso@terra.com.br

leitura desinteressada, que proporciona o prazer e o entretenimento. Mas será que os quadrinhos apenas divertem? Eles seriam mesmo artefatos de puro entretenimento? Seriam as HQs tão desinteressadas como podem parecer, com suas personagens tão charmosas, ingênuas e “inocentes”?

Giroux (1995) argumenta que a relevância desses materiais considerados “inocentes” ultrapassa muito as fronteiras do divertimento. Para o autor, eles exercem outro papel fundamental: o de “máquinas de ensinar”. Por isso ele defende a importância de se problematizar os produtos da mídia cultural e de tirá-los de seu lugar estável. Aponta, como desafio a ser praticado pelos/as educadores/as, a análise dos vários temas e pressupostos em que esses artefatos culturais estão baseados, para que possam se tornar locais de contestação, tradução e troca e, conseqüentemente, ser lidos de formas diferentes.

Neste trabalho, as HQs são consideradas um aparato da mídia que, mesmo não sendo próprias da escola, têm um currículo e praticam uma pedagogia que “educa” seus/suas leitores/as por meio dos sentidos que produzem e divulgam e das histórias que veiculam. Nessa linha argumentativa, Paraíso (2007, p. 24) destaca a importância de se “entender a mídia na atualidade como propositora de pedagogias culturais ou de currículos culturais” que divulgam sentidos sobre o mundo e disputam espaço com os currículos e outros artefatos na produção de significados, práticas, sujeitos. As HQs do Chico Bento, ao divulgarem um tipo de escola, contribuem para produzi-la do modo como ela é falada e caracterizada, por meio do discurso que veiculam. Discurso é aqui entendido como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 55), ou seja, a linguagem é vista não como instrumento para a representação da realidade, mas como instituidora, produtora e constituidora da realidade (SILVA, 1995). Ao compreender a linguagem como produtora, questiona-se as palavras, interroga-se sobre as realidades, os sujeitos, as práticas, as formas de agir que elas contribuem para produzir e divulgar.

Este artigo, apoiado nos Estudos Culturais e em estudos foucaultianos, tem como objetivo analisar *como funciona o discurso da educação escolar nas HQs do Chico Bento* e discutir como são caracterizados o tempo, o espaço e o currículo da Escola Municipal de Vila Abobrinha. Essa escola, amplamente divulgada nas HQs

do Chico Bento, é apresentada como uma pequena escola, feita para atender à comunidade local, composta em sua maioria pelos/as filhos/as dos/as trabalhadores/as rurais. Ela se situa em Vila Abobrinha, pequeno povoado do “interior do estado de São Paulo”. O “discurso da educação escolar” nessas HQs se refere tanto aos ditos atinentes a essa escola, quanto a outras materialidades, como seu espaço (organização, disposição dos objetos, etc.), seus sujeitos e suas práticas.

Com o uso de procedimentos metodológicos inspirados na análise do discurso foucaultiana, é analisado o discurso divulgado nas HQs do Chico Bento³ acerca da Escola Municipal de Vila Abobrinha, procurando-se destacar: a distribuição do tempo e do espaço e a organização de seu currículo. O argumento desenvolvido é o de que, apesar de o discurso da educação escolar veiculado nas HQs do Chico Bento divulgar uma escola disciplinar, com tempos e espaços compartimentados e cheios de regras, com um currículo que ensina mais procedimentos considerados adequados do que conhecimentos (relacionados a disciplinas escolares) e com sujeitos pedagógicos (alunos e alunas) com muitas das marcas já amplamente divulgadas e aceitas em nossa sociedade, seus efeitos constitutivos não estão completamente garantidos. Isto porque há, no próprio discurso investigado, conflitos, brechas para seu questionamento e resistências ao que é ensinado pelo currículo do artefato cultural – as HQs do Chico Bento.

DA DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO NA ESCOLA

A escola não existiu desde sempre no interior de nossa formação social como às vezes parecemos acreditar. Uma série de condições históricas⁴ contribuiu para o aparecimento da escola na modernidade.

3 Dos 364 exemplares consultados da revista da Turma do Chico Bento, de Maurício de Sousa, que abarcam os anos de 1982 a 2005, foram analisadas aquelas HQs que se referiam diretamente à escola ou que se passavam em seu interior, mas também as que envolviam de maneira indireta a instituição.

4 Varela e Alvarez-Uria (1992, p. 69) apontam uma combinação de fatores sociais que propiciaram a condição de existência da escola: “a definição do estatuto da infância”; “a emergência de um espaço específico destinado à educação das crianças”; “a formação de um corpo de especialistas da infância dotados de tecnologias específicas e de ‘elaborados’ códigos teóricos”; “a destruição de outros modos de educação”; “a institucionalização propriamente dita da escola: a imposição da obrigatoriedade escolar decretada pelos poderes públicos e sancionada pelas leis”.

Como mostram Varela e Alvarez-Uria (1992, p. 68), a escola "é uma instituição recente cujas bases administrativas e legislativas contam com pouco mais do que um século de existência". Além de fatores sócio-históricos, essa escola, tal como a conhecemos hoje, também é resultado de uma série de discursos (jurídico, pedagógico, administrativo, psicológico, médico, midiático, entre outros) que circulam socialmente e, reiteradamente, produzem e divulgam sentidos a respeito dessa instituição, fabricando-a, constituindo-a e modificando-a. O discurso sobre a educação escolar veiculado nas HQs do Chico Bento é certamente um desses discursos que há algumas décadas vêm contribuindo para divulgar um tipo de escola. Nesse aparato midiático, são divulgados sentidos sobre o espaço e o tempo, sobre os objetos, as atividades, os conhecimentos, os sujeitos, enfim todos os elementos que fazem parte da instituição escolar.

Tempo e espaço são duas categorias cruciais para se pensar o discurso sobre a educação escolar. Tais categorias não apenas estruturam a organização escolar, mas também "são coordenadas básicas que vão modelando os corpos e as mentes através das relações de poder e dos saberes que institui como verdades" (FABRIS, 1999, p. 20). Cada organização espaço-temporal da escola implica formas diferenciadas de se viver o processo de escolarização, de se constituir como sujeito escolarizado. Isso porque o surgimento da escola exigiu de imediato a invenção de um espaço de ensino e de um tempo de aprendizagem.

Tempo e espaço não estão desde sempre dados nas diferentes culturas, não são "uma propriedade 'natural' dos indivíduos, mas sim uma ordem que tem de ser aprendida, uma forma cultural que deve ser experimentada" (ESCOLANO, 2001, p. 44). Existiram várias formas de organização do espaço e da arquitetura escolar, "passando da construção monástica, panóptica, às formas mais sóbrias e simples de construção" (FABRIS, 1999, p. 19). Cada uma dessas materialidades pode ser considerada um texto cultural, no qual se encontram "marcas de um determinado modo de entender e explicar as coisas" (FABRIS, 1999, p. 20) em determinados momentos históricos. A forma como o espaço e o tempo são organizados na escola divulgada nas HQs do Chico Bento nos permite entrever, por exemplo, que saberes são divulgados e afirmados como "verdadeiros" e "válidos", assim como perceber as múltiplas relações de poder estabelecidas, como silêncios, dominações, exclusões (FABRIS, 1999).

Ao analisar como são apresentadas as categorias de tempo e espaço na escola narrada pelas HQs do Chico Bento, foi possível verificar que há um predomínio da rigidez e da inflexibilidade. Na instituição escolar, são utilizados vários instrumentos disciplinares que, para realizarem-se, necessitam, entre as “grandes funções disciplinares”, da repartição no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2006). Entretanto, apesar de todo o investimento na Escola Municipal de Vila Abobrinha para a formação de sujeitos dóceis, o poder disciplinar, ao ser colocado em prática, não garante o corpo disciplinado almejado, porque há no discurso investigado escapes a esse poder. Utilizando as estratégias que os/as querem dominar, os/as alunos/as criam outras possibilidades de se relacionar com o espaço e o tempo escolar, inventando novas maneiras de ser.

A disciplina realizada escola de Vila Abobrinha se apoia em diferentes técnicas da “arte das distribuições” dos indivíduos no espaço e em técnicas que incidem mais diretamente sobre o tempo. As técnicas relacionadas ao espaço, geralmente utilizadas pela professora, são: a fila (diversas ilustrações mostram os/as alunos/as organizados/as em filas, cada um/a na sua carteira, um/a após o/a outro/a); o quadriculamento (cada aluno/a se senta individualmente na carteira que lhe cabe); a transformação dos arranjos (a modificação dos/as alunos/as de lugar, caso desobedeçam à professora) e a vigilância hierárquica (Marocas, a professora, possui uma posição estratégica em sala de aula; por estar à frente e poder se deslocar, consegue ter quase um controle total da sala e de cada um dos/as alunos/as).

As técnicas relacionadas ao tempo são: o estabelecimento de cesuras (o tempo é fracionado em função das atividades a serem desenvolvidas no decorrer de um dia de aula); obrigação a ocupações determinadas (os alunos/as não podem fazer o que bem entendem, as atividades são determinadas de maneira homogênea para todos/as e têm de ser cumpridas de maneira eficaz); regulamentação de ciclos de repetição (a maioria das HQs mostra certo ritual do dia escolar: recepção dos/as alunos/as; chamada; desenvolvimento de algum conteúdo ou a realização de alguma atividade como prova ou chamada oral; intervalo para o recreio; novamente realização de atividades e, por fim, despedida) e fixação de horários (as atividades têm um horário para começar e para acabar, para marcar esse tempo, a professora utiliza um pequeno sino).

Tais técnicas fazem com que a escola funcione como uma máquina de ensinar, para conformar os corpos dos/as estudantes a uma rígida organização espaço-temporal que visa torná-los dóceis e disciplinados. Essas técnicas aumentam “as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) [e diminuem] essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2006, p. 119). Logo, há a transformação do espaço-tempo da sala de aula em um “quadro-vivo”, no qual a professora, por meio de diversas entradas, trata de tentar impor a ordem e a disciplina de maneira efetiva aos sujeitos-alunos/as.

A escola trabalha exaustivamente na constituição de um corpo escolarizado, habituado a ficar horas sentado, calado, diante de cadernos e livros. No entanto, mais do que conformar o corpo do/a estudante à disciplina, por meio de rígidas ordenações espaciais e temporais, é objetivado que os/ as alunos/as incorporem esse discurso e o carreguem para além dos muros escolares. Isso é o que ocorre mesmo fora da escola, nas HQs que retratam os/as alunos/as reproduzindo em casa, ou mesmo em suas brincadeiras, um ambiente semelhante ao da sala de aula, no qual devem continuar sentados/as em filas, concentrados/as, estudando. No entanto, também se pode perceber o exercício de um poder que entra em conflito com o poder disciplinar. A ordem disciplinar pode até ser estabelecida no decorrer da aula, mas isso não se dá de forma tranquila. Há sempre técnicas e estratégias colocadas em ação que geram conflitos, disputas, lutas, pelo exercício do poder.

Nesse sentido, apesar de a organização espaço-temporal da escola de Vila Abobrinha visar à produção de sujeitos disciplinados, percebe-se, em alguns momentos, a produção de um outro tipo de sujeito, menos dócil, que gera conflitos no interior da sala de aula, ao romper com as regras estipuladas. Isso se dá em função de diferentes acontecimentos que exigem outras organizações do tempo e do espaço, como, por exemplo, a necessidade da disposição dos/as alunos/as em pequenos grupos, o que favorece o diálogo informal, a interação e a socialização, por eles/as ficarem muito juntos/as e próximos/as.

Na mesma HQ que mostra esse arranjo espacial, fica clara também a falibilidade da organização do espaço disciplinar. Os/as alunos/as, ao protestarem contra a aplicação de uma prova, porque não estão sentados mais em seus lugares habituais, deixam

escapar sua "estratégia de cola". Eles/as utilizam a dinâmica da organização analítica dos corpos em sala de aula para alcançarem seus objetivos, no caso, assegurar boa nota, transcrevendo a matéria da prova na carteira que comumente sentam. Dessa forma, se vê que, por um lado, o estabelecimento de lugares determinados para cada aluno/a auxilia o processo de vigilância, mas, por outro lado, favorece os escapes, estimula a criatividade dos/as alunos/as para criar estratégias de resistências, que são também estratégias de poder (FOUCAULT, 1981). Isso mostra como esse espaço pode ser subvertido. Apesar de a escola de Vila Abobrinha ser apresentada como uma instituição que promove certo modo de investimento político e detalhado sobre o corpo, podem ser observados momentos de resistência e escapes, nos quais os/as alunos/as reagem ao poder disciplinar, criando novas possibilidades de existir.

Apesar de o espaço e o tempo, em suas configurações, nessa época chamada por tantos de pós-moderna, estarem "constituindo diferentes formas de se estar na escola, de educar e educar-se" (FABRIS, 1999, p. 22), as HQs do Chico Bento insistem em retratar um modelo secular da instituição escolar, cujos tempos e espaços são organizados em função da disciplinarização dos sujeitos. Essa divulgação da organização espaço-temporal disciplinar da Escola Municipal de Vila Abobrinha tem "efeitos de verdade, produz verdades sobre o tempo e espaço escolares e como verdades construídas podem ser investigadas em seu processo de construção, no seu processo de se transformar em uma verdade" (FABRIS, 1999, p. 61). Nesse contexto, pode-se perguntar: em que medida essas HQs reforçam determinada maneira de se (com)portar em sala de aula? Em que medida, ao mostrarem uma organização disciplinar do tempo e do espaço, legitimam determinada estrutura espaço-temporal para as atividades educativas?

Apesar de não se poder desconsiderar que o processo de disciplinamento passou e passa por modificações, que é "preciso analisar as funções da disciplina na escola, tendo como pano de fundo as transformações contemporâneas das sociedades modernas (...) como a passagem de uma sociedade centrada na disciplina para uma sociedade centrada no controle" (DAL'IGNA, 2007, p. 1), é fato que organizações espaço-temporais escolares tais como a identificada nas HQs do Chico Bento ainda são utilizadas atualmente em nossa sociedade. Rocha (2000, p. 124) mostra que, mesmo apregoando

“liberdades e igualdades (as máximas burguesas), a escola perpetuou – e ainda hoje mantém – suas contraditórias características”, por meio da estruturação de seu espaço-tempo continua a “exercer e exercitar sua força de domesticação e adestramento”. É a partir dessa constatação que a autora afirma que a escola é uma máquina de estudar “que, talvez, continue (continuará?) produzido indivíduos capazes e aptos a manterem e perpetuarem tudo numa ordem socio-econômica-cultural moderna” (ROCHA, 2000, p. 125).

Talvez, por isso, se possa afirmar que, a despeito de as categorias de tempo e espaço terem passado por diversas modificações, “perderam ao longo da modernidade sua rigidez inicial, tornando-se móveis e fluidas sob a influência da ciência e da tecnologia, em particular da mídia eletrônica” (GOERGEN, 2005, p. 1), essas transformações não se refletiram na escola apresentada nas HQs analisadas. Apesar das resistências e dos escapes ao espaço e tempo disciplinadores da Escola Municipal de Vila Aboyrinha, houve a preponderância de se retratar uma organização escolar rígida e inflexível. Rigidez e inflexibilidade que não se atêm apenas ao tempo e ao espaço escolares, mas também à forma como as atividades em sala de aula são dirigidas, como será mostrado na próxima parte.

O CURRÍCULO DA ESCOLA MUNICIPAL DE VILA ABOBRINHA: UMA QUESTÃO DE PROCEDIMENTO

A escola, mais do que qualquer outra instituição, ao operar com o poder disciplinar, produzindo determinadas conformações corporais e posições de sujeito específicas, foi ganhando, aos poucos, importância entre os espaços formadores. Atuando sobre os corpos e mentes dos sujeitos que a constituem, a escola ensinou e ainda ensina como agir, como falar, como proceder, como se portar diante do mundo. Seja por meio das relações de poder estabelecidas entre professor/a/aluno/a, seja pela forma como concebe o currículo e o coloca em funcionamento, a maquinaria escolar tem contribuído para a constituição de diferentes subjetividades. Como registra Louro (1997, p. 90), à “escola foi atribuída, em diferentes momentos, a produção do cristão; do cidadão responsável; dos homens e das mulheres virtuosos/as; das elites condutoras; do povo sadio e operoso; etc.”.

Esta seção mostra como se dão as lutas e conflitos para a produção do currículo da Escola Municipal de Vila Abobrinha, em meio às tramas que narram o funcionamento dessa instituição. Currículo é aqui compreendido como “um artefato cultural constituído por um conjunto de aprendizagens que produzem e divulgam determinados significados sobre o mundo e as coisas do mundo”; que “seleciona, organiza e ensina saberes” que visam a “garantir a divulgação de determinados conhecimentos e modos de ser, estar e se portar no mundo” (PARAÍSO, 2008, p. 2). A escola, como uma instituição, o que faz é instituir, “estabelecer criar formas e meios de controle, deter mecanismos de regular o funcionamento, ministrar ensinamentos, formar mentes, determinar regras” (EIZIRIK e COMERLATO, 2004, p. 32). Dessa forma, mais do que ensinar conteúdos escolares a seus/suas alunos/as, a Escola Municipal de Vila Abobrinha ensina como proceder, o que pode ou não ser feito, o que se deve ou não falar, quando e de que maneira as atividades devem ser realizadas entre outras coisas.

Em meio ao ensino de conteúdos de Aritmética, Português, História, Ciências, a professora Marocas ensina a seus/suas alunos/as o que devem fazer e como devem proceder em sala de aula. Não é colocado em funcionamento, nessa instituição, apenas o currículo formal, “um arranjo sistemático de matérias, ou um elenco de disciplinas e de conteúdos” (SANTOS e PARAÍSO, 1996, p. 84), é “evidente que a tecnologia escolar – além da transmissão dos pretendidos conteúdos ‘acadêmicos’ – contribui para determinação da estrutura do corpo infantil” (NARODOWSKI, 2001, p. 55). Na escola de Vila Abobrinha, os/as alunos/as são submetidos/as a uma física corporal e moral que lhes é estranha e cujo funcionamento passa a ser apresentado, como cumprir horários, não faltar à aula, fazer todas as lições, estudar para a prova, respeitar a professora, não conversar, não colar, ficar em silêncio, etc. É nesse sentido que se pode afirmar que o currículo escolar divulgado nas HQs analisadas “é um espaço de produção, já que nele são produzidos saberes, verdades, condutas e subjetividades” (PARAÍSO, 2007, p. 93).

Ao analisar o currículo da escola divulgada nas HQs do Chico Bento, pode-se perceber que há no discurso investigado a preponderância do ensino de como ser, fazer e proceder em relação ao ensino de conteúdos das disciplinas escolares. Todavia, embora o currículo das HQs do Chico Bento, por meio de

diferentes técnicas e exercícios de poder, ensine claramente aos/às alunos/as da Escola Municipal de Vila Abobrinha como proceder “adequadamente” na escola e na vida, tais ensinamentos não são incorporados tranquilamente, estão em constante processo de negociação e ocorrem entremeados a ridicularizações, gratificações e, principalmente, transgressões.

Ter a prova tomada; ganhar zero na prova; ganhar zero em atitude; escrever cem vezes na lousa que nunca mais irá fazer tal coisa; ficar de castigo sentado em um banquinho na frente da sala; ficar de castigo depois da aula; fazer a lição na lousa; fazer exercícios extras; ter a orelha puxada; ser transferido para uma classe mais atrasada; ter prova surpresa ou sem revisão; corrigir a prova na lousa; passar o ponto; ficar calado; não poder assistir à aula; chamada oral; conversa com os pais: essas são as pequenas sanções ou micropenalidades (Foucault, 2006) imputadas aos/às alunos/as da Vila Abobrinha, que se dão em função de atrasos, ausências, interrupções das tarefas, desatenção, negligência, desobediência, conversas, etc.

Assim como toda instituição escolar, a escola de Vila Abobrinha possui uma série de princípios e normas que dizem o que é ou não permitido, o que pode ou não ser feito. Mais que entendidas, espera-se que as regras que organizam o cotidiano da sala de aula sejam cumpridas pelos/as alunos/as. Por isso, por meio de gritos, xingos, advertências, castigos, punições, a professora das HQs do Chico Bento coloca em funcionamento o que Foucault vai nomear de *sanção normalizadora*, “que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza*” (FOUCAULT, 2006, p. 153, grifo do autor). A escola, por ser uma instituição de educação sistemática e intencional, coloca em funcionamento os mecanismos que a sustentam. Para fazer parte da instituição, os indivíduos devem, portanto, adaptar-se a esses mecanismos, “aprender quais os princípios e normas que a regem, e controlar os próprios impulsos, que os contrariem; calar muitas vezes, outras dizer o que os outros querem ouvir, ler e codificar os códigos institucionais, de forma a não transgredi-los” (EIZIRIK e COMERLATO, 2004, p. 33).

As micropenalidades são aplicadas no ambiente a partir da inobservância, da inadequação, do afastamento e do desvio às

regras claramente explicitadas pela escola. As regras que devem ser seguidas pelos/as alunos/as da turma do Chico Bento são as seguintes: não chegar atrasado/a à escola; não matar aula; não dormir em sala; não bagunçar a aula (conversar, se deslocar, jogar bolinhas de papel, etc.); fazer todas as atividades solicitadas pela professora; não colar. Essas são as regras reiteradamente ditas pela professora, as que mais são transgredidas e, portanto, as que são geralmente punidas nas HQs analisadas.

Para tentar garantir o cumprimento dessas regras, a professora opera com uma infinidade de técnicas disciplinares que visa à formação de corpos disciplinados. Esse trabalho sobre o corpo do/a aluno/a, com o objetivo de uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos não é de agora. Louro (1997, p. 61) relata que havia antigos manuais que indicavam aos/às professores/as os cuidados que “deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos”. Tais cuidados referiam-se ao modo de sentar, andar, de colocar os cadernos e canetas. Tudo isso contribui para formar o que a autora denomina de corpo escolarizado. Apesar de terem sido superadas as prescrições desses manuais, há hoje “outras regras, teorias e conselhos (científicos, ergométricos, psicológicos)” (LOURO, 1997, p. 62) que regem as práticas educativas. “Sob novas formas, a escola continua imprimindo sua ‘marca distintiva’ sobre os sujeitos” (LOURO, 1997, p. 62).

As normas prescritas pelo currículo da Escola Municipal de Vila Abobrinha quanto a como se deve proceder, por mais que sejam descumpridas, estão claras para os/as alunos/as, que sabem que não devem se atrasar, faltar, dormir nas aulas, bagunçar, deixar a lição por fazer, colar. Em certa medida, pode-se afirmar também que os/as estudantes compreendem o mecanismo que Marocas coloca em funcionamento quando há transgressões, tanto que sabem colocá-lo em prática quando têm oportunidade de substituir a professora em sala de aula como se vê em uma das HQs analisadas. No entanto, o que se pode afirmar é que, longe de cumprir seu objetivo, as penalidades utilizadas para se imprimir marcas específicas ao corpo das crianças não têm surtido efeito. Muitas vezes até coíbem determinado comportamento, mas não impedem seu reaparecimento. Em uma mesma HQ, a despeito das ameaças e penalidades feitas pela professora, os/as alunos/as repetem ações transgressoras às normas da escola analisada.

Todas as regras apresentadas, o descumprimento delas, assim como as punições dizem bastante de uma cultura escolar, de um currículo escolar. Ao divulgar tantas cenas de indisciplina, as HQs possibilitam o questionamento dos efeitos de sentido em se apresentar, em pleno século XXI, um modelo de escola tradicional, com forte viés disciplinar, que remonta ao início do processo de escolarização. Será que os/as alunos/as estão dizendo não a essa instituição escolar ao cometerem tantas transgressões? Estão apontando falhas do sistema? Se, por um lado, as HQs reforçam uma educação tradicional, disciplinar, ao mostrar um número sem fim de luta para escapar ao poder disciplinar, ela também mostra quão falha é a instituição escolar, que não dá conta de lidar com os/as alunos/as, não consegue seduzi-los/as, como vêm fazendo outras instâncias, como a mídia.

Corazza (2001) questiona tais mecanismos colocados ainda em funcionamento para subjertivar um infantil que já não é o mesmo. A autora mostra que está emergindo “em nossas práticas culturais, uma nova subjetividade infantil, com uma constituição radicalmente diferente daquela desenhada pelo currículo” (CORAZZA, 2001, p. 66) e que, portanto, devem ser repensadas novas formas de se lidar com essa subjetividade. As regras e punições praticadas por uma escola disciplinar não que ser problematizadas, pois não dão conta de assegurar a disciplina em sala de aula. Como mostra Dal’Igna (2007, p.13), há uma “impossibilidade de a norma de comportamento (aqui refiro bom comportamento = bom desempenho) regular a todos”.

As HQs do Chico Bento, ao retratar o funcionamento de uma escola, fornecem material para se repensar como se dá a escolarização nos dias atuais e apontam para a necessidade de constantes: atualização, ampliação, contestação e ressignificação das práticas seculares ainda exercidas na escola. Nas HQs do Chico Bento, divulga-se um currículo escolar que visa à formação discente, já que nele são prescritos saberes com base nos quais o/a estudante deve pautar sua conduta. São ensinados valores, normas, programas, regulamentos, relações, prescrições morais adequados para que o/a aluno/a aprenda e, conseqüentemente, incorpore no cotidiano da sala de aula, mas também na vida. Esse currículo, portanto, indica, de forma clara, os modos de ser, estar e fazer considerados desejáveis. Ao dizer quão negativos são os atrasos, as faltas, os roncos, as bagunças, a não realização de lições de casa e a cola, o currículo da escola

divulgada nas HQs do Chico Bento ensina que o/a bom/boa aluno/a deve possuir as seguintes características: pontualidade, assiduidade, concentração, disciplina, comprometimento e responsabilidade. Nesse sentido, o currículo escolar analisado é entendido como um discurso "que forma e produz modos de agir e conduzir; como uma linguagem, na qual as palavras usadas para nomear as coisas, os sujeitos e o mundo são produzidos em relações de poder e têm efeitos sobre aquilo que nomeia" (PARAÍSO, 2007, p. 93).

Essas HQs, ao divulgarem um currículo que prioriza o ensino de modos de ser sujeito em detrimento de conteúdos disciplinares, talvez estejam sinalizando que tais ensinamentos merecem maior atenção por parte da escola. Talvez estejam também dizendo que o papel principal da escola seja um trabalho de disciplinarização moral da criança, de propiciar a introjeção de regras e limites, mais do que ensinar um conhecimento sistematizado. Ou talvez, ainda, frente às modificações da paisagem cultural na qual, como já sinalizaram Green e Bigun (1995, p. 209), observa-se "um fenômeno que é cada vez mais visível nos debates atuais: a emergência de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades", haja um interesse em se divulgar formas educacionais tradicionais e maneiras de como mantê-las por meio de um processo de normalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar como são narrados os espaços e os tempos nas HQs do Chico Bento, pôde-se observar que elas apresentam, em sua maior parte, uma escola tradicional, cujo funcionamento remete ao de uma instituição disciplinar, devido à sua forma de organização e de funcionamento. Essa representação é a mesma que é veiculada em outras instâncias: a de uma escola moderna, decorrente de uma cultura hegemônica ocidental, na qual o ensinar e o aprender se dão em meio a uma física corporal e moral, a concepções disciplinares de tempo e espaço. Entretanto, ao veicularem uma escola nesses moldes, as HQs divulgam também estratégias dos/as alunos/as para se desvencilharem de um poder disciplinar, expõem as falhas desse poder e, conseqüentemente, apontam possibilidades de escape de se inventar novas maneiras de ser, de agir, em um ambiente tolhedor.

Como foi visto ainda, ao contrário de um ensino conteudista, o currículo da Escola Municipal de Vila Abobrinha ensina

prioritariamente comportamentos e regras. O conteúdo escolar fica sempre em segundo plano, em detrimento da construção de um código de conduta moral, que, por meio de diversas técnicas punitivas, tais como ficar depois da aula, sentar-se isolado em um banquinho no canto da sala, receber lição de casa extra, entre outras, que visa a ser incorporado pelos/as estudantes. Ao analisar cada um desses elementos constituintes do discurso sobre a educação escolar veiculado nas HQs do Chico Bento, procuramos mostrar que a escola é produzida em meio a lutas e disputas por significados. Alguns desses significados são retomados e ressignificados, outros, invertidos e transgredidos. Nesse sentido, é importante ressaltar que não buscamos, em nenhum momento, capturar o “verdadeiro”, encontrar a “realidade”, e, sim, lançar um olhar problematizador para as HQs, para os múltiplos sentidos produzidos e divulgados sobre a escola, sabendo-os sempre móveis e oscilantes, passíveis de diversas leituras. Mesmo porque a educação, seus sujeitos e suas práticas “são produções de um determinado tempo/espaço histórico que respondem às necessidades práticas daquele momento; portanto, são conceitos contingentes, não possuem uma essência e nem significado fixo” (FABRIS, 1999, p.87).

THE SCHOOL EDUCATION DISCOURSE IN CURRICULUM OF THE CHICO BENTO COMICS

ABSTRACT

This paper presents results of an investigation that examined which meanings about school and its elements (space, time and curriculum) are produced in Chico Bento comics. The research used concepts taken from the Cultural Studies, in its post-structuralist perspective, and Michel Foucault's studies. The argument developed here is that the school education discourse in Chico Bento comics divulges a disciplinary school, with spaces and times compartmentalized and full of rules, with a curriculum that teaches more procedures considered appropriate than knowledge related to the school topics. This paper shows that pedagogical subjects that have a lot of marks already broadly and accepted in our society, but its constituents effects are not completely guaranteed. This is because there are, in the investigated discourse, conflicts, gaps for his questioning and resistances in what is taught by the curriculum of the Chico Bento comics.

Keywords: Curriculum. Comics. School Education. Discourse.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninas e meninos. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.
- CORAZZA, S. Currículo como modo de subjetivação do infantil. In: CORAZZA, S. *O que quer um currículo: pesquisas pós-críticas em educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DALÍGNA, M. C. Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, 2007.
- DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- EIZIRIK, M. F.; COMERLATO, D. *A escola (in)visível: jogos de poder, saber e verdade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.
- ESCOLANO, A. Arquitetura como programa. Espaço-Escola e currículo. In: FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FABRIS, E. T. H. *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola*. 1999. 182f. Dissertação – Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GIROUX, H. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, T. T. *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GOERGEN, P. *Espaço e tempo na escola: constatações e expectativas*. 2005. Disponível em: <<http://www.cori.rei.unicamp.br/foruns/magis/evento5/Texto%20PEDRO.doc>>. Acesso em: 20 jun. 2007.
- GREEN, B.; BIGUN, C. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, T. T. (org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos assuntos culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

O discurso da educação... - Daniela A. S. Freitas e Marlycy A. Paraíso

LOURO, G. L. Gênero e Sexualidade (Entrevista). *Revista Presença Pedagógica*, n. 72. Belo Horizonte: Dimensão, nov./dez. 2006.

MEYER, D. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G. FELIPE, J. GOELLNER, S. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo em educação*. Petrópolis: Vozes, 2005.

NARODOWSKY, M. *Infância e Poder: conformação da pedagogia moderna*. Bragança Paulista: Ed. da Universidade São Francisco, 2001.

PARAÍSO, M. A. Currículo e aprendizagem: relações de gênero e raça na escola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC-UDESC, 2006. v. 1.

PARAÍSO, M. A. *Currículo e mídia educativa brasileira*. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2007.

PARAÍSO, M. A. Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem. *Revista ETD: UNICAMP*, 2008.

PERROT, M. *As mulheres e os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

ROCHA, C. O espaço escolar em revista. In: COSTA, M. V. *Estudos Culturais em educação*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

SANTOS, L. L. & PARAÍSO, M. Dicionário Crítico da Educação: Currículo. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte. V. 2, n. 7, jan/fev. 1996.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SILVA, C. A. D. et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, p. 207-225, jul. 1999.

SILVA, T. T. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, T.T. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A maquinaria escolar. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 6, 1992.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em novembro de 2013.